



Uma leitura do republicanismo na poesia Sousândrade

A Reading of Republicanism in Sousândrade's Poetry

Alessandra da Silva Carneiro

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), campus Pirituba,
São Paulo / Brasil

carneiro_ale@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-5984-751>

Resumo: Este artigo discute os poemas *Novo Éden: Poemeto da adolescência (1888-1889)*, *Harpa de Ouro (1888-1889)* e *O Guesa, O Zac (1902)* com destaque ao teor político republicano que os constitui. Nessa tríade, Sousândrade constrói uma narrativa legitimadora da República brasileira apresentando-nos ao panorama da luta pela emancipação da nação livre e democrática como resultado dos esforços de dois heróis nacionais: Tiradentes e, surpreendentemente, a princesa Isabel, ambos representados como mártires cristãos defensores de um novo éden político. Vale ressaltar que esses poemas se inscrevem no momento de transição do Brasil monárquico para o republicano, marcado por disputas ideológicas de grupos políticos que tencionavam ser protagonistas da modernização da nação rumo ao século XX.

Palavras-chave: literatura brasileira; século XIX; poesia; república; Sousândrade.

Abstract: This article discusses the poems *Novo Éden: Poemeto da adolescência (1888-1889)*, *Harpa de Ouro (1888-1889)* and *O Guesa, O Zac (1902)* with emphasis on the republican political content that constitutes them. In this triad, Sousândrade builds a legitimizing narrative of the Brazilian Republic by presenting us with the panorama of the struggle for the emancipation of the free and democratic nation as a result of the efforts of two national heroes: Tiradentes and, surprisingly, Princess Isabel, both represented as Christian martyrs defenders of a new political Eden. It is worth mentioning that these poems are inscribed in the moment of transition from a monarchic to a republican Brazil, marked by ideological disputes by political groups that intended to be protagonists of the nation's modernization towards the 20th century.

Keywords: Brazilian literature; 19th century; poetry; republic; Sousândrade.

1 Introdução

Nos primeiros anos após a proclamação da república no Brasil, o poeta maranhense Joaquim de Sousa Andrade (1832-1902), ou Sousândrade, publicou três poemas que buscavam construir uma narrativa legitimadora do novo regime político instaurado. Sua primeira contribuição nesse sentido foi *Novo Éden: Poemeto da adolescência (1888-1889)*, publicado em 1893, no qual aparece, pela primeira vez, o imaginário de fundação da República ligada historicamente à Inconfidência Mineira (1789) e à Lei Áurea. Também em *O Guesa, o Zac*, de 1902, e *Harpa de Ouro (1888-1889)*, publicado postumamente, Tiradentes ou Joaquim José da Silva Xavier (1746-1792) é exaltado como o inspirador de Deodoro da Fonseca e Benjamin Constant, ao lado da Princesa Isabel, que é surpreendentemente caracterizada como mártir republicana por ter assinado a sentença de extinção da Casa de Bragança ao libertar os escravos. Sousândrade procurou construir nessas obras um panorama da luta pela emancipação da nação brasileira livre e democrática e exaltar os seus heróis

Indubitavelmente o mais complexo dos três poemas, *Novo Éden* pode ser interpretado em chaves diversas. Dividido em sete cantos ou dias, de acordo com o mito bíblico da criação do mundo, cada um desses cantos é acompanhado por epígrafes, além de uma espécie de glosa ao final, reforçando a feitura divina de cada dia descrito. As epígrafes, mais de uma por canto, contribuem para a hermeticidade do poema, pois a sua relação com o contexto narrado não é evidenciada. Nelas são citadas, por exemplo, John Milton, Victor Hugo, Gonçalves Dias e o bíblico livro de Genesis. Ao longo de 88 páginas, o poema apresenta estrutura intrincada, mesmo aos leitores cientes do processo de criação poética do autor que, desde o épico *O Guesa*, se apropria de inúmeras referências literárias, históricas e pessoais sem, contudo, explicitá-las. Ficamos quase sempre na superfície do texto, sem conseguir decodificar completamente o enredo.

Considerando as diferentes interpretações de leitura, a crítica sousandradina é unânime em reconhecer o fechamento semântico desse “poemeto da adolescência”. Por exemplo, em *Revisão de Sousândrade*, Augusto e Haroldo de Campos avaliam *Novo Éden* como:

homenagem à República nascente, se caracteriza pelo uso da alegoria e de um maravilhoso compósito (com personagens de extração mitológica ou imaginadas livremente pelo autor), ao qual se somam as

figuras históricas. O “Novo Éden” é a jovem República, propiciatória de uma nova era de liberdade; preludia-o, no texto, a recriação poética do Éden primitivo e do tema de Adão e Eva. (CAMPOS; CAMPOS, 2002, p. 445)

No estudo *Épica e modernidade em Sousândrade*, Luiza Lobo aponta que:

Novo Éden oferece um emaranhado semântico ininterrupto no qual o ritmo se aproxima da prosa, e as palavras compostas se aglutinam numa linguagem que deseja simular a modernidade do progresso político e da industrialização do país [...] Torna-se, portanto, mera listagem de referências eruditas à bíblia, à história da Europa, à mitologia greco-romana e às invenções industriais, demonstrando o progresso da nova era, ou a autores e personagens literários. (LOBO, 2005, p. 57-58)

Como vemos, ambos os estudiosos da obra de Sousândrade ressaltam os vários eixos constitutivos desse poema. Do mesmo modo, em *Sousândrade: vida e obra*, Frederick Williams assume a dificuldade em entender o texto, pois:

[...] não importa que seja extremamente difícil saber exatamente o que está acontecendo ou que(m) está sendo descrito e por qual razão. Ao que parece, Sousândrade não pretende mais que sugerir suas ideias e experiências que sabe únicas e portanto, incomunicáveis. Basta apenas que o leitor receba uma impressão geral e sinta a expressão fluida e poderosa da riqueza verbal do autor. (WILLIAMS, 1976, p. 59)

Antes de prosseguirmos com nossa análise é preciso citar ainda Clarindo Santiago em “Souza-Andrade: o solitário da ‘vitória’”, artigo de 1932, em que o crítico destaca o enredo (ou um deles) de *Novo Éden* ligado à liberdade da Armênia e lhe confere, de maneira geral, o sentido de: [...] eclosão, no seio humano do sentimento de liberdade, que é a mais bela conquista da civilização da terra. Heleura é a personificação desse ideal, que viria cristalizar-se numa das suas formas mais sublimes – a República. (SANTIAGO, 1932, p. 1999)

Heleura, supracitada, é heroína de *Novo Éden*. No poema, ela é associada *en passant* à “Evangelina”, do poema homônimo de Henry

Wadsworth Longfellow, quando Sousândrade escreve: “Pois, se edênia é a minha ‘Evangalina’/ De nome Heleura; se o meu rio é bíblico, / De luto co’os lutosos... E prosigo.” (SOUSÂNDRADE, 1893, p. 7). O bardo da poesia estadunidense inspirou não apenas Sousândrade, seu admirador, mas, como nos ensina Hélio Lopes, os escritores românticos brasileiros no geral. *Evangeline* (1847) foi, por longo tempo, responsável por disseminar na literatura brasileira uma “visão idílica do amor alimentado na serena paisagem da vida campestre. Os costumes, as crenças e as credices dos aldeões revivendo aquela sempre sonhada Idade do Ouro” (LOPES, 1997, p. 239). Essa Idade do Ouro, ou éden, é também referida no poema como *Paraíso Perdido*, alusão à obra de John Milton.

Embora sejamos tentados a relacionar a tópica romântica sob influência de Longfellow e o significado para o éden ou Idade de Ouro no poema sousandradino, considerando o paralelo estabelecido entre Heleura e Evangeline, a simbologia do éden no poema não se relaciona à vida campestre em oposição à modernidade urbana. Concordamos com Luiza Lobo quando ela afirma que na poesia do maranhense, o éden: “marca um topos de conjugação entre o real (a tese política a provar) e o simbólico (a América voltou a ser, para o romântico, como era para a primeira literatura colonial, o local do sonho paradisíaco)”. (LOBO, 2005, p.12).

Entendemos que essa tese política a provar é a superioridade da República, ainda incipiente, em relação à Monarquia, pois aquela caracterizaria a sociedade perfeita: democrática, moderna e próspera. A simbologia do paraíso perdido, portanto, não é mais primitiva e passadista, mas civilizada e moderna. É nesses termos que interpretamos as imagens do éden no poema.

2 Em busca do mito original da República brasileira

Destaca-se em *Novo Éden* as figurações de personagens históricas e contemporâneas à escrita do poema ligadas ao advento da República no Brasil, como no excerto a seguir, que trata da queda da monarquia enquanto exalta simbolicamente Tiradentes ao lado do Marechal Deodoro da Fonseca e Benjamin Constant:

[...] e o eterno Tiradentes,
Que a noite secular desperta co’o meteoro
Do exército senhor, que envia em bem, Deodoro

O grande braço, unido à sublimada fronte
De Benjamin, (o ideal d' América ao horizonte),
De paz guerreiro maior que o márcio Napoleão,
Que onde há revoluções a flores, liberdade
Proclama à luz social, inverso da vaidade
Que em livre principiando, acaba em Waterloo!
Oh! Da humana erupção riram, a Tempestade,
Orco-Vesúvio, o Etna, e só não riu-se Job
Cidadão vitorioso ! E ao fruto da República,
A virgem que há cem anos 'spera-o d'entre arcanos,
E em gloria o Novembral, o seu novo Éden fez [...]
(SOUZÂNDRADE, Novo Éden, 1893, p. 4)

Os ideais do mártir Tiradentes são despertados pela ação militar de 1889, após cem anos da Inconfidência Mineira (1789), revolta inspirada na independência dos Estados Unidos em relação à Inglaterra, não obstante a coincidência cronológica com a Revolução Francesa. Desse modo, Sousândrade constrói sua narrativa para o advento da República destacando personagens históricas com papéis definidos, ao contrário do que efetivamente foi a Proclamação. No poema, a participação de Deodoro é definida pela sua força, simbolizada pelo “grande abraço”, e ação meteórica de seu exército (ou “eclosão inesperada”, conforme CARVALHO, 2014, p. 51), ao passo que Benjamin aparece como estrategista, o idealizador pacífico da República. De acordo com o poema, Deodoro é “meteoro”, Benjamin é “horizonte”.

Em *A formação das Almas*, José Murilo de Carvalho fala em “proclamações da República” para dar conta da divergência sobre quem efetivamente foi o protagonista do 15 de novembro de 1889. Sem nos alongarmos nessa discussão histórica, vale notar no fragmento acima, que Sousândrade, escrevendo cronologicamente próximo a esse cenário de disputa por uma narrativa oficial, amalgama duas “proclamações” as quais, conforme Carvalho, podem ser chamadas de “militar”, com o Marechal Deodoro à frente, e “sociocrática”, representada pelo positivista Benjamin Constant. A proclamação representada pelo primeiro implicava uma ação militar sem respaldo popular ou projeto político definido, pois lutava-se contra a ameaça do fim do exército por determinação do Império, findada a Guerra do Paraguai. O segundo, o guerreiro da paz que “liberdade/ Proclama à luz social” ou ainda o “De paz guerreiro maior que o márcio Napoleão”,

era positivista, contra o militarismo e titubeou em apoiar o Marechal na véspera do golpe. A República idealizada por Benjamin Constant:

[...] absorvia do positivismo uma visão integrada da história, uma interpretação do passado e do presente e uma projeção de futuro. Incorporava, ainda, uma tendência messiânica, a convicção do papel missionário que cabia aos positivistas, tanto militares como civis. A história tinha suas leis, seu movimento predeterminado em fases bem definidas, mas a ação humana, especialmente a dos grandes homens, poderia apressar a marcha evolutiva da humanidade. (CARVALHO, 2011, p. 42)

Sousândrade corrobora essa visão integrada da história nos poemas republicanos, apesar de a afinidade do poeta com o Positivismo não ser incondicional, visto que o projeto de uma ditadura republicana sustentada por essa doutrina político-filosófica era oposto à república liberal defendida pelo poeta. Seu ideal de república, inspirado nos Estados Unidos, era próximo ao modelo promovido pelos republicanos históricos, situados mormente em São Paulo, representados por Quintino Bocaiúva, chefe do Partido Republicano brasileiro à época da Proclamação. Esse último grupo teve participação mínima no advento da República, mas sua associação ao movimento foi necessária para tirar-lhe o pejo de ter atendido unicamente aos interesses dos militares. É importante atentar para o posicionamento de Sousândrade nesse contexto de disputa pela construção do “mito original da República”, pois tratava-se de estabelecer a narrativa oficial da passagem do Brasil à era moderna.

Embora considerado uma louvação à República, o sentimento que Sousândrade expressa em relação ao novo regime político instaurado no Brasil em *Novo Éden* não é de alumbramento. No plano simbólico do poema, a partir do sétimo dia, feito o éden republicano e com o descanso do divino, o trabalho não estava terminado, pois para a sua plenitude era necessária a ação humana para dar prosseguimento àquela grandiosa obra, conforme lemos nos últimos versos do poema:

Vede o formoso incêndio! O resplendor ideal
Da liberdade, aos céus raiando o Novembro!

Da noite de fulgor e a bela hora de sextas
Céus refletente luz, o azul prateando, festas,

E' feito o do descanso, o do Senhor, o dia
 Sétimo, o em que termina; e do homem principia
 O trabalho: e antevê necessidade às obras
 Humana, ao horizonte as defensoras cobras. [...]
 (SOUZÂNDRADE, Novo Éden, 1893, p. 88)

Novo Éden provavelmente começou a ser escrito antes do “resplendor da liberdade ideal” que raiou em 15 de novembro de 1889, pois no dia 22 de novembro desse mesmo ano, uma semana após a proclamação, Sousândrade já anunciava em artigo publicado no jornal *O Globo* que iria “entrar para o prelo o [Novo] *Éden*” (SOUZÂNDRADE, 2003, p. 512). No entanto, o poema só foi publicado em 1893, já passados os primeiros anos de funcionamento da República brasileira. Dessa maneira, é compreensível que Sousândrade indique no poema práticas escusas com o fito de deturpar o caráter do novo regime político, conforme o excerto:

Ai dos ladrões que julgam a República
 Ré d' eles p'ra ser d' eles loucos pública
 Justiçada! A Mãe-Pública! A Mãe-Pátria!
 (SOUZÂNDRADE, Novo Éden, 1893, p. 83)

Acima, Sousândrade trabalha com a etimologia da palavra República, do latim *res publica* ou coisa pública, e lança sua pena contra aqueles que intentavam transformá-la em “ré”, ou culpada pela insatisfação com o novo *status quo*, como foi o caso dos monarquistas e escravocratas. É notório que Sousândrade posiciona-se criticamente no poema sobre o modo como o regime político republicano foi instaurado no Brasil, apesar de todo o seu entusiasmo com o que ele considerava o éden na terra. Isso nos permite pôr em questão a afirmação de Luiza Lobo, segundo a qual Sousândrade “se decepcionou com a república norte-americana, mas teve novo alento com a proclamação da República brasileira” (LOBO, 2005, p. 58). Diferentemente de Luiza Lobo, Jomar Moraes e Frederick Williams notaram que os problemas com o republicanismo nacional também perturbaram Sousândrade mais tarde, quando ele escreve *Harpa de Ouro*. Mas, como vimos, ponderações sobre o novo governo já aparecem em *Novo Éden*, mesmo que a expressão mais contundente do seu sentimento esteja em *Harpa de Ouro*, conforme a estrofe abaixo:

Armas com que fiz a república
 Pontas voltaram contra mim:
 Antes deixasse a raça lúbrica
 Em seu hediondo chifrim,
 Do que estar Libertas tão púdica
 Envergonhada.
 (SOUZÂNDRADE, 2003, p. 445)

A voz poética desejou não ter lutado pela liberdade e democracia republicanas, preferiu ter deixado o povo na ignorância em face daquela república que havia se feito. Não por acaso, um dos contemporâneos de Sousândrade o apelidou de “Benjamin Constant do Maranhão”, ao constatá-lo “desamparado e atado de pés e mãos; sem nada poder fazer para que se instituísse no seu país uma república conforme seu ideal”.¹

3 Mártires republicanos: Tiradentes e Princesa Isabel

Com a urgência em forjar os novos símbolos para a República, Tiradentes foi a figura predileta das várias correntes republicanas pelo potencial manipulável que carregava. Ao inconfidente mineiro foram atribuídos traços religiosos que, de rebelde, o transformaram em mártir associado a Jesus Cristo, já que para o novo governo militar: “Tiradentes não deveria ser visto como herói republicano radical, mas sim como herói cívico-religioso, como mártir integrador, portador da imagem do povo inteiro.” (CARVALHO, 2014, p. 70). As referências a Tiradentes enquanto o primeiro idealizador da República foram, portanto, recorrentes e sua versão cristianizada também está presente em Sousândrade, assim como em outros escritores do período, a exemplo do drama *Gonzaga ou a Revolução de Minas* (1875), de Castro Alves, como bem nos lembra José Murilo de Carvalho. De *Harpa de Ouro* citamos as seguintes referências a Tiradentes e à construção do mito republicano:

¹ O autor dessa alcunha é anônimo, identificando-se apenas como “um republicano”. A menção ocorreu no texto “Pergunta a um republicano: Será possível radicar-se e prosperar o governo republicano no nosso país?”, estampado na seção Publicações a pedido do jornal maranhense *Pacotilha* (MA), na edição de quarta-feira, 29 de abril de 1896. Cf. *Um Republicado* (1896).

Sou Órion! Em meu talabarte
Brilham, amor, amor, amor,
Teologias – o Dentista – Mártir;
Floriano e a Redentora Flor –
(SOUZÂNDRADE, 2003, p. 430)

Donde o rir lírios-Tiradentes,
Çucenais coroas; de amor
Às Eucaristias contentes.
Porque Washington o lavador
É o Batismo dos continentes
Da Liberdade – ao peito a flor,
(SOUZÂNDRADE, p.441)

Das pátrias de ambos: do diamante
A amorosa Minas Gerais;
E a da magnólia latejante
A livre Virgínia – imortais
De George e Joaquim-José, de ante
As duas pátrias ideais:
(SOUZÂNDRADE, 2003, p. 442)

Acima, Tiradentes e a princesa Isabel, além do Marechal Floriano Peixoto, são transformados em corpos celestes que emanam “amor” junto à Constelação de Órion metaforizada no eu-lírico. Vale observar que esse trio mítico da República é referido por epítetos, com exceção de Floriano (sucessor do Marechal Deodoro a partir de 1891 até 1894) referenciado apenas pelo primeiro nome, assim, a ênfase da passagem é dada ao “Dentista-mártir” e à “Redentora Flor”. A estrofe pode também ser entendida como uma alusão à atual bandeira nacional estabelecida pelos republicanos positivistas à época, que traz estampada uma esfera celeste, conforme nos é sugerido pela associação semântica entre talabarte, suporte para bandeira, o brilho dos astros e Órion. Na sequência, após cantar as riquezas naturais dos dois maiores países das Américas por meio das referências aos diamantes do estado de Minas Gerais e das magnólias do estado americano da Virgínia, Brasil e Estados Unidos, representados por Tiradentes e Washington, são exaltados como “as duas pátrias ideais”.

Em *O Guesa, O Zac* – continuação do canto XII d’*O Guesa* (1884) –, publicado mais de dez anos depois da proclamação da república, em 1902,

também encontramos exemplo da apropriação cristã que se fez da imagem de Tiradentes:

Tiradentes, o grande Martírio
Bem honrada a quer cândido círio
Nas asas ardentes da Revolução
Tal começa a nova era o Dentista
Sagrada a boca à bela conquista
Dos dentes divinos.
(SOUZÂNDRADE, 1902, p. 375)

Semelhante ao que aconteceu com Tiradentes, a princesa Isabel foi associada à imagem de Cristo, mas para atender ao interesse do Império em promover o Terceiro Reinado, de acordo com que escreve Daibert Junior em *Isabel, a “redentora” dos escravos*. Foi patente a supervalorização da atuação da princesa na abolição da escravatura como forma de manipular o imaginário popular que pudesse dar força à sua ascensão ao trono do Brasil. Assim, o governo imperial procurou associar a almejada Imperatriz à imagem daquela:

[...] que redimiu os oprimidos, tirando-os do inferno [...] A analogia com o cristianismo se dá a partir da afirmação da igualdade dos homens, entendida pelos abolicionistas como igualdade civil a ser alcançada por meio de uma reforma social. Cercava-se Isabel de um discurso que apelava para imagens religiosas que de fato traduziam expectativas de atuação política, dentre as quais destacava-se a luta pela igualdade civil. (DAIBERT JUNIOR, 2004, p. 148-149)

Como é sabido, a abolição foi resultado do desenrolar de uma gama de fatores que se acentuaram na década de 1880 como, especialmente, as revoltas dos escravos que amedrontavam a Monarquia com a iminência de uma revolução na estrutura social do país. Assim, de acordo com Daibert Junior, a afirmação do protagonismo da princesa Isabel na Abolição constituiu uma estratégia para reprimir a força de todos os anos da campanha abolicionista, os quais, por fim, foram reduzidos à Lei Áurea. Aos negros escravizados foi atribuída a pecha de passivos agraciados pelo ato benevolente da herdeira de Dom Pedro II. Ao assumir o protagonismo pela Abolição, a Monarquia desafiava os grandes latifundiários que se sentiram lesados em seu patrimônio, entretanto, foi mais urgente atender aos anseios

de uma parcela expressiva da população e caracterizar, por meio daquele ato, uma nova era da política Imperial.

Malgrado os esforços do Império, o golpe militar veio frustrar os planos de Isabel enquanto Imperatriz do Brasil e o que se seguiu foi a tentativa de apagamento da sua figura de redentora junto à população liberta. Uma das estratégias para tanto foi negar a abolição como obra genuína da Monarquia, caracterizando a ação da princesa como algo excepcional que a tornava quase uma republicana. Conforme lemos em *Isabel a “redentora” dos escravos*, a República, ainda incipiente e insegura, procurou, então, usar da mesma estratégia da Monarquia e afirmar-se enquanto continuidade da Abolição. Como se vê, a ousadia de Sousândrade em louvar à princesa Isabel, em seus poemas, como a fundadora da República brasileira, tinha precedentes ideológicos partidários. Entretanto, não conhecemos na literatura da época nenhuma representação da princesa semelhante àquela traçada pelo poeta maranhense.

4 O projeto literário republicano de Sousândrade

Em carta inédita datada de 26 de agosto 1896, Sousândrade revelou a Joaquim Nabuco sua intenção de transformar a princesa Isabel em figura essencial para a história da República. Considerando o ineditismo do material e a pertinência das declarações do poeta para a argumentação desse artigo, vale a longa citação:

Joaquim Nabuco: [...] me deveis amor; Aff. Celso me deve amor; a princesa Isabel me deve amor, e hei de reconduzi-la à nossa pátria não imperatriz do Brasil, mas como a melhor mãe de família brasileira (vereis no Novo *Éden* que ela é a predestinada rosa de oiro, a irmã de Washington e fundadora da República da Sul América, a suicida dinasta para ser a revivente Libertas). Nas democracias verdadeiras, Helvécia, Estados Unidos, Chile, Uruguai que é a nossa irmã mais velha, sente-se a Ação eterna eternamente guiando os povos. Já a pressinto entre nós. O período lagarta vai passando e temos penetrado no período crisálida = Christ-cross-row = e o da borboleta solar, o século XX, será nosso. E assim como os indivíduos, as nações têm de atingir a maioridade: do glorioso militarismo representado por Floriano, passamos ao septênio da magistratura, e o das universidades nos espera então. Atesta-o o brilhante corpo de cavalaria que impondo a paz ativa aí vejo desfilar ao amanhecer, porque toda a noite velara e nem saber pode dormir quem guarda o seu posto de honra.

O Dentista Mineiro, o saneador da boca, é a grande Voz; Pedro 1º quis ser-lhe e foi, o braço d' independência (e 2º qual o período atual, de necessária demora, magistratura em fim ou de arrumações, é o imperial depois do colonial e antes do republicano); D. Isabel sua neta e com o leque partido e as rosas de maio terminou a Revolução, que é secular como a francesa: se a redentora do império fosse rodeada da tribo de Benjamin ou dos verbos em qual dos em qual *dos α α* o avô, tudo estaria diferente. Porém, a escola das desgraças, como o exemplifica S. Paulo, sendo a que conduz a humanidade à glória — gloriosos havemos de ser todos. [...] Saúde e fraternidade. O cidadão Sousândrade. (SOUSÂNDRADE, 1896)²

O maranhense menciona na carta a presença da princesa Isabel no poema *Novo Éden*, publicado três anos antes. Na citação, quando ele escreve “vereis no *Novo Éden*”, a presença do verbo no futuro pode indicar que juntamente com carta seguia um exemplar do livro como presente a Joaquim Nabuco. O poema póstumo *Harpa de Ouro* é dedicado ao monarquista. Sousândrade escreve na dedicatória que ele se tratava de um: “inteligente post scriptum de uma carta político-republicana ao Dr. Joaquim Nabuco, em sinal de grande estima” (SOUSÂNDRADE, 2003, p. 422). Não podemos ser assertivos sobre a relação entre a carta mencionada no prefácio e aquela que tivemos acesso, mesmo assim, pela coincidência temática, acreditamos tratar-se da mesma correspondência.

Por conseguinte, a carta confirma a continuação entre *Novo Éden* e *Harpa de Ouro*, que em conjunto com *O Guesa*, *O Zac* sugere a existência de um projeto sousandradino de poemas republicanos publicados a partir de 1893, haja vista a convergência temática entre os três. Contudo, para além do que foi exposto acima, nos intriga o motivo que levou Sousândrade a endereçar a Nabuco o reavivamento literário de Isabel como uma republicana, pois, conforme Daibert Júnior (2004), é sabido que o monarquista apoiava a possibilidade do Terceiro Reinado da princesa.

É importante também destacar na carta a continuidade histórica que o autor estabelece entre Tiradentes e D. Pedro I. Aquele é descrito como a “voz”, ao passo que este é o “braço” do 7 de setembro, um é a idealização

² Carta Inédita, disponível na Fundação Joaquim Nabuco, Recife: N° 1722 [CP P39 DOC 906]. A íntegra dessa missiva foi reproduzida na tese de doutorado da autora. Cf. Carneiro (2016)

e o outro a concretização do mesmo ideal. Curiosamente, Sousândrade apresenta argumento oposto a esse no poema épico *O Guesa*, sua obra máxima, especificamente no Canto II publicado dez anos antes:

(2.º Patriarcha):
– Brônzeo está no cavalo
Pedro, que é fundador;
Ê ! ê ! ê ! Tiradentes,
Sem dentes,
Não tem onde se pôr!
(SOUZÂNDRADE, 1884, p. 31)

Acima, ambas as figuras históricas são antagônicas pela tentativa do Segundo Reinado em apagar a memória do inconfidente em favor da exaltação da imagem de D. Pedro I, o proclamador efetivo da Independência. A decisão tardia de Sousândrade em não romper com o legado de D. Pedro I pode ter sido influência do Positivismo que, em se tratando da evolução política da humanidade, considerava a monarquia o primeiro estágio do seu desenvolvimento, plenamente concretizado pelo republicanismo (TORRES, 1943).

Essa concepção positivista das fases do progresso histórico também guiou, por exemplo, a junta provisória republicana na escolha da nova bandeira para o Brasil, já que o pavilhão da república foi uma adaptação da bandeira imperial sob a divisa positivista *Ordem e Progresso*. A manutenção dos elementos da bandeira do antigo regime político foi defendida pelos positivistas sob a alegação de que a bandeira de uma nação era “símbolo de fraternidade” e um elo do “passado ao presente e ao futuro” (CARVALHO, 2014, p. 113). Portanto, não se devia negar o que veio antes porque fora essencial para o desenvolvimento do estágio presente da história. Sousândrade escreveu na referida carta a Nabuco que natural era vir “o imperial depois do colonial e antes do republicano”,³ o que nos possibilita afirmar, mais uma vez, que ele também compartilhava dessa visão positivista da história nacional.

³ Carta Inédita, disponível na Fundação Joaquim Nabuco, Recife: N° 1722 [CP P39 DOC 906]. A íntegra dessa missiva foi reproduzida na tese de doutorado da autora. Cf. Carneiro (2016)

5 Brasil e Estados Unidos

Sousândrade residiu em Nova Iorque de 1871 a 1878 e, após um breve período de volta ao Brasil, entre 1880 e 1884.⁴ Como um grande admirador dos Estados Unidos, o brasileiro os elegeu como o modelo ideal de República e, por conta disso, trabalhou pela aclimação desse modelo no Brasil de maneira pragmática, se dedicando à política,⁵ e ideologicamente, por meio da literatura. Não passa despercebida a continuação histórica que ele estabelece entre George Washington, primeiro presidente dos Estados Unidos, considerado pai da liberdade estadunidense, e Tiradentes, conforme citação anterior de *Novo Éden*. O mesmo ocorre com a princesa do Brasil chamada de “irmã” de Washington por lançar as bases para o estabelecimento da República, conforme depreendemos do poema:

Rugindo de Columbia o hino do Livre a fé
 A que Isabel cristã, que é precursora estrela
 E’ aurora, é a formosa, é a de oiro aberta rosa,
 Firmou lançando a coroa fora pela janela:
 Que a lenda se cumprisse; e era o mistério, que é
 Aquela “rosa de oiro”. Eis-lhe o duplo tesoiro:
 Vingando áurea oliveira; e o hipódromo de guerra
 De americano horror –Éden de gloria e amor,
 No sábio Benjamin, no ilustre herói Deodoro
 Buscam o fundador? Porém, na rosa de oiro,
 De Washington eu vejo a irmã. E’ de Isabel,

⁴ Sousândrade estava de volta ao Brasil em 4 de outubro de 1884, conforme noticiado na imprensa ludovicense: “Entrados hoje no vapor Brunswick: [...] Dr. Joaquim de Souza Andrade, D. Maria Bárbara de Souza Andrade [...]”. Cf. *O Paiz* (MA), (1884, p. 3).

⁵ Sousândrade assumiu o cargo de superintendente da província de São Luís depois que a república foi proclamada. Por essa época, iniciou mudanças no sistema educacional da região e concebeu o projeto da fundação da primeira universidade no Maranhão, que nunca se realizou. Sousândrade via o atraso do Brasil, já na sua fase republicana, como consequência da falta de investimento em novas tecnologias para a extração de recursos minerais e desenvolvimento da agricultura, assim como na ausência de trabalhadores qualificados. Por isso, além de investimento na formação de profissionais em ciências aplicadas, o governo republicano deveria aproveitar o potencial que os índios e negros libertos apresentavam, pois esses poderiam contribuir para o crescimento e modernização do país, dispensando a vinda de trabalhadores imigrantes. Cf. Carneiro (2016).

A inconsciente gentil suicida, em formosura
Que raiou liberdade e glória, e por ventura
Revolução de paz; a flor ela em que o anel,
Que a um mártir degolara, abriu; ela é Libertas
A nova efigie, a que, das trevas sempre incertas,
Faz a direta luz: da pátria seja a vã,
A doida Joanna; mas, de Washington a irmã!
Ele, as lutas do raio; Ela as rosas de Maio;
Doce Vênus de Milo a triunfar sem braços;
(SOUZÂNDRADE, 1893, p. 45)

Embalada pelo “Hail, Columbia”, hino patriótico executado na cerimônia de posse de George Washington, a princesa lança fora o símbolo maior da realeza fazendo cumprir a lenda, a “revolução de paz” “que a um mártir degolara”, isto é, a República pela qual morreu Tiradentes. De acordo com o poema, Isabel foi mártir tal qual o inconfidente, pois a “inconsciente gentil suicida”, abdicou da sua condição de herdeira do trono do Brasil quando libertou os cativos. Ainda na estrofe supracitada é afirmado o caráter pacífico da proclamação da República, considerado consequência da abolição da escravidão, como no verso “Ele, as lutas do raio; Ela, as rosas de Maio;”, em referência ao caráter bélico da revolução estadunidense, com George Washington à sua frente, em oposição à pacífica firmação da Lei Áurea. As rosas de maio são alusão à condecoração da Rosa de Ouro, concedida à princesa pelo Papa Leão XIII em decorrência da mesma lei. Em outra passagem, Isabel é novamente associada a Washington, dentre outros grandes revolucionários do nosso continente:

“Acordar! não entristeças
Ao esplendor de tanta luz!
Sou o ideal em que pensas.”
– Ouço Isabel ou Jesus? ...
“Acordar! floram Desertos!
De Washington, Bolívar, Tell,
De O’Higgins – os teus exércitos!”
– Jesus! é a voz d’Isabel! ...
(SOUZÂNDRADE, 2003, p. 435)

A voz da princesa é ouvida com surpresa ao convocar tropas filiadas para a floração dos desertos. Essa imagem primaveril foi, por vezes, evocada pelo poeta para referir-se à proclamação de 1889 e gerou, inclusive, a anedota que Sousândrade, assim que soubera da boa nova, telegrafou ao Marechal Deodoro os seguintes dizeres: “República proclamada, paus d’arco em flor”. No entanto, não localizamos nos jornais ludovicenses da época nenhuma referência a esse fato, podendo tratar-se simplesmente de uma das muitas inexatidões que se conta sobre o poeta.⁶

Ainda em *Harpa de Ouro*, a princesa Isabel é personagem de destaque, aparecendo como metamorfose da musa Heleura/Helê, de *Novo Éden*:

“Doces miragens, adeus! Vejo
Na profundez do coração,
O interno oceano do desejo,
D’Heleura a ideal solidão;
Vos deixo a Deus. Deixai-me o beijo
Preço da livre sem senão:

“Doutra dona... oh, a inteligência
Dona... mas, cetim branco e flor!
‘Menina e moça’, áurea existência
Musa cívica a Musa– Amor!

[...]– quão parecida!
Ela era: hei de noutra a encontrar
Helê que dos céus é descida,
Céus! A borboleta solar!
(*Harpa de Ouro*, 2003, p. 429)

Heleura dá lugar à “menina e moça”, à “musa cívica” ou à “borboleta solar” (metáfora também mencionada na carta a Joaquim Nabuco) que desce dos céus, todos esses atributos e formas que parecem relacionar-se à princesa enquanto cidadã promotora da república. A passagem sobre a “menina e moça” e “musa cívica” nos remete à epígrafe desse poema sobre “a menina bonita, diamante incorruptível”, que é a República, aludida de maneira semelhante em outra passagem do texto:

⁶ Cf. Carneiro (2011).

Oh! noite gloriosa! Oh, fulgores
Da Ilha Fiscal! Quando da mão
Cai, da Princesa, o leque; e a amores
Libertas hasteia o pendão
Menina bonita das dores,
Incorruptível diamante!
(SOUZÂNDRADE, 2003, p. 441)

Acima, a princesa Isabel é a menina bonita que iça a bandeira da liberdade republicana. O poeta recria o gesto da princesa situado no último baile promovido pelo Império apenas seis dias antes da sua queda, na Ilha Fiscal-RJ, conferindo à festividade um prenúncio do fim da Casa de Bragança. Outras imagens para a Lei Áurea ocorrem no poema:

Assim, pela janela fora
Lançando dindinha a coroa,
Encanecera a essa mesma hora
A sempre mártir, sempre boa,
A rosa de oiro e redentora
De Leão Treze. A bela Coroa!

E o século viu a esta e Vitória
Civis mulheres – honras suas –
Oh, mais que dos homens a glória!
– Tronos: ou desça o andar das ruas;
Ou morra à vergonha da história –
Quão belas destronadas duas!
(SOUZÂNDRADE, 2003, p. 449)

A princesa perde a vitalidade e tem os cabelos embranquecidos imediatamente ao lançar sua coroa pela janela, outra imagem que se refere à assinatura da Lei que enfraquecera o trono. Em substituição, a Rosa de Ouro passa a servir-lhe de “a bela coroa”. Na sequência, surpreende o adjetivo “civis mulheres” atribuído à princesa do Brasil e à rainha da Inglaterra, visto que no Brasil do século XIX, o reconhecimento da participação civil das mulheres era praticamente nulo. Sousândrade é hiperbólico ao chamar a rainha Vitória de “destronada”, já que a Abolição da Escravidão no Império Britânico (1838), promovida na recém iniciada era Vitoriana, não ocasionou, ao contrário do Brasil, o fim do regime Monárquico. A rainha Vitória reinou

até 1901 e, evidentemente, a Inglaterra nunca deixou a monarquia. Em *O Guesa, o Zac*, encontramos referências semelhantes a essas comentadas:

Cai o leque das mãos da Princesa,
Que sorriu-te: oh! dolentes surpresas!
Das do Imperador caiu o cetro – fatal!
(*O Guesa, o Zac*, 2003, p. 374)

Dos verdugos, cristã descendente
Doce e humilde – que suba a Regente
À posteridade coroada de luz:
Dos escravos o trono quebrado,
Se o dos livres s'está levantando
De ferro fundido co'as formas da Cruz.
(*O Guesa, o Zac*, 2003, p.375)

O paralelo entre a abolição da escravidão e a proclamação da República é estabelecido acima pela queda trivial do leque da princesa e a queda fatal do símbolo do poder imperial, o cetro. A bondade de Isabel é contrastada com a crueldade do seu progenitor, chefe da Monarquia, e ao negar a continuação daquele trono de escravidão é para sempre coroada de luz, imagem que insinua a santificação de Isabel.

Portanto, é possível afirmar que são recorrentes e semelhantes as figurações tanto da princesa Isabel quanto de Tiradentes como mártires republicanos nos três poemas sousandradinos analisados. Por fim, vale ressaltar que, visto o esforço da monarquia em manter-se no poder aproveitando-se justamente da grande popularidade da herdeira do trono junto à população negra liberta, que ameaçava a estabilidade do Império, o poeta apropria-se desse fato histórico para afirmar o seu contrário, precisamente: o suicídio da dinastia.

6 Considerações finais

Nos poemas analisados assistimos à construção do mito de fundação de um éden moderno, sinônimo de futuro e progresso, assim como de um panorama da luta e dos heróis responsáveis pela emancipação do Brasil republicano, livre e democrático. Nesse contexto, são recorrentes as figurações de Tiradentes e da princesa Isabel, especialmente, como mártires,

ambos associados ao primeiro presidente dos Estados Unidos, George Washington, criando assim uma genealogia para a República brasileira.

No entanto, o poeta não deixou de expressar a sua frustração com o que se fizera, pois os poemas citados também abordam os reparos que deveriam ser executados para que o novo regime funcionasse. Aquela não era a República que ele sonhara. Mesmo frustrado, Sousândrade empenhou-se na criação de um imaginário que sustentasse a nova realidade sociopolítica e econômica do Brasil na virada para o século XX.

Referências

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. *ReVisão de Sousândrade*. 3. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CARNEIRO, Alessandra da Silva. *Do tatu fúnebre ao Lar-titú: implicações do Indianismo no Canto Segundo do poema O Guesa, de Sousândrade*. 2011. 135 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-27052011-160658/publico/2010_AlessandradaSilvaCarneiro.pdf Acesso em: 6 out. 2020.

CARNEIRO, Alessandra da Silva. *O Guesa em New York: Republicanismo e Americanismo em Sousândrade*. 2016. 214 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-29062016-114340/publico/2016_AlessandraDaSilvaCarneiro_VCorr.pdf. Acesso em: 6 out. 2020.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DAIBERT JUNIOR, Robert. *Isabel, a “Redentora” dos escravos: uma história da Princesa entre olhares negros e brancos (1846-1988)*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

LOBO, Luiza. *Épica e modernidade em Sousândrade*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: 7Letras. 2005.

LOPES, Hélio. Norte-americanos em nosso romantismo. In: _____. *Letras de Minas e outros ensaios*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

O PAIZ (MA). São Luís, 4 out. 1884, Edição 00080, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=704369&pasta=ano%20188&pesq=&pagfis=7300>. Acesso em: 6 out. 2020.

SANTIAGO, Clarindo. Sousa Andrade: o solitário da “vitória”. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, ano 3, v. 39, n. 126, 1932.

SOUSA ANDRADE [Sousândrade, Joaquim de]. [Correspondência] Destinatário: Joaquim Nabuco. Rio de Janeiro 26 ago. 1896. Fundação Joaquim Nabuco, Recife: N. 1722 [CP P39 DOC 906].

SOUSÂNDRADE. Harpa de Ouro (1888-1889). In: WILLIAMS, Frederick G.; MORAES, Jomar (org.). *Poesia e prosa reunidas de Sousândrade*. São Luís: Edições AML, 2003. p. 429-450.

SOUSÂNDRADE. *Novo Éden*: Poemeto da adolescência. 1888-1889. São Luís, MA: Typ. a vapor de João d’Aguiar Almeida & C. 1893. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008326&bbm/1261#page/1/mode/2up>. Acesso em: 31 mar. 2020.

SOUSÂNDRADE. O Guesa, o Zac. In: WILLIAMS, Frederick G.; MORAES, Jomar (org.). *Poesia e prosa reunidas de Sousândrade*. São Luís: Edições AML, 2003. p. 202-204.

SOUSÂNDRADE. *O Guesa*. Londres: Cooke & Halsted, 1884. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/?45000008327&bbm/619#page/20/mode/2up>. Acesso em: 12 jul. 2020.

TORRES, João Camilo de Oliveira. *O Positivismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1943.

UM REPUBLICANO. Pergunta a um republicano: será possível radicar-se e prosperar o governo republicano no nosso país?. *Pacotilha*, Maranhão, 29 abr. 1896. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168319_01&pasta=ano%20188&pesq=&pagfis=17755. Acesso em: 6 out. 2020.

WILLIAMS, Frederick G. *Sousândrade: vida e obra*. São Luís: Sioge, 1976.

Recebido em: 1º de abril de 2020.

Aprovado em: 5 de agosto de 2020.